

AVENIDA

# A REGENERAÇÃO

Semanario defensor dos interesses dos concelhos do norte do distrito de Leiria

Composição e impressão na

Tip. Figueiroense—Figueiró dos Vinhos

Chefe da Redacção:— Armando S. C. Encarnação

DIRECTOR E EDITOR:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Propriedade de João António Semedo

Administração: Tipografia Figueiroense

FIGUEIRO DOS VINHOS

## Mais um Ano

COM este número entra gulho dizê-lo. Esta vila em o nosso jornal no décimo quinto ano da sua publicidade.

Para quem acompanhou e acompanha dia a dia um jornal, como nós, desde a primeira hora, não é indiferente o seu aniversário.

Para todos os que trabalham nesta casa, para todos os seus colaboradores, para todos os seus leitores e até para aqueles que o não leem, não é indiferente, repetimos, passar mais um ano sobre a data da sua publicação.

Tem o nosso jornal acompanhado a renovação por que Figueiró e seu concelho passou. Podemos mesmo dizer que uma cota parte lhe pertence, pois êle foi e será sempre o integérrimo defensor de tudo quanto represente progresso e grandeza para esta região.

E diga-se, embora de passagem, que a acção que «A Regeneração» desenvolveu a favor da transformação dos nossos hábitos e costumes, foi bem vinctada através das suas colunas, podendo afoitamente dizer-se que essa acção se exerceu em todos os sentidos e teve reflexos em todas as camadas sociais e campos de actividade.

Pioneiro da ordem e da regeneração dos nossos costumes, for um principalmente estes motivos, a causada sua existência. Podemos com or-

### Dr. António José de Almeida

Fez na passada terça-feira 73 anos que nasceu em Vale da Vinha, S. Pedro de Alva, o talentoso e insigne democrata sr. dr. António José de Almeida, figura de grande relêvo moral e mental e das mais prestigiosas da República Portuguesa.

Recorda-nos, a propósito, confirmou o.

uma das mais célebres frases que o illustre caudilho proferiu numa sessão parlamentar em 1906, protestando contra a expulsão dos seus colegas, srs. drs. Afonso Costa e Alexandre Braga, da sala do parlamento.

«Soldados! Com a minha voz e com as vossas baionetas, vamos fazer uma Pátria nova!»

E, realmente, assim foi.

O 5 de Outubro de 1910

## O nosso Concurso Factos & Noticias

Parecer do Júri de classificação

Tivemos a honra de receber sugestões de seis leitores, sôbre a maneira de organizar o concurso, que já há tempo foi anunciado no jornal «A Regeneração».

Qualquer delas deveras interessante e digna de ser levada a efeito nas páginas dos melhores periódicos do país.

Assim, o júri, reunido para aprovação duma daquelas sugestões viu-se envolvido em sérias dificuldades para se pronunciar por qualquer delas.

Queremos, por isso, felicitar os seis concorrentes, e declarar quais as sugestões aprovadas e a razão por que o foram.

Das seis sugestões, o júri aprovou por unanimidade duas delas: a dirigida por Marien (Maria Engrácia dos Reis e a endereçada por X. Y. (Dr. Mário Miguel Pupo Correia).

A primeira propõe: «que se faça um concurso de quadras dos diferentes estabelecimentos desta nossa encantadora vila, quadras feitas pela redacção, consistindo o trabalho dos concorrentes em adivinhar o estabelecimento a que dizem respeito»

A segunda, terminando por um elenco de irrefutáveis argumentos em sua defeza, quasi leva a crer que da parte do concorrente havia dúvidas sôbre a ponderação e imparcialidade dos elementos que constituem o júri. E diz: Publicará «A Regeneração» em números sucessivos anuncios de todas as casas comerciais que oferecerem prémios. Nestes anuncios virá gralhado o nome do comerciante ou a sua firma, ou ainda a designação dos principais artigos do seu comércio. O trabalho do concorrente consistirá em recortar o anuncio, colocando-o na respectiva caderneta onde haverá um espaço destinado à rectificação do que erado sair» E segue a propaganda, que omitimos, por falta de espaço. Estas sugestões têm algumas vantagens, a que o júri atendeu e que o levaram a aprová-las.

Assim reduzem ao mínimo o trabalho dos concorrentes; êstes não necessitam de desenvolver grande esforço intelectual para acertarem com as soluções; poderão concorrer todos os leitores da «Regeneração», sem grande dispêndio de tempo.

E foram, em especial, estas vantagens, que ressaltam da simples leitura das duas propostas, que nos levaram a aprová-las,

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

### IV Concurso «O Melhor Vinho» 1938

Em tempo oportuno lançou o nosso jornal um apêlo aos vinicultores na nossa região, incitando-os a concorrerem com os seus produtos ao IV Concurso «O Melhor Vinho» 1938, a alvitre do esforçado agente da Junta Nacional dos Vinhos nesta localidade, sr. João Macedo de Andrade.

Tivemos o prazer de verificar que o nosso brado não foi em vão, e assim demos os nomes de alguns dos principais lavradores que se apresentaram a concurso.

Este realizou-se no mês passado, tendo o vinho do conceituado proprietário sr. José Manuel Godinho, desta vila, obtido o 2.º prémio da 1.ª categoria da 5.ª Zona, a que correspondeu a quantia de 500\$00

Certamente, mais do que o prémio pecuniário recebido, alegrou mais o nosso estimado amigo sr. Godinho a honrosa classificação que obteve o seu vinho, e que para nós constitui também motivo de grande satisfação, pois provado fica que na nossa região podem e devem fabricar-se bons vinhos.

E agora, srs. lavradores, é prepararem se convenientemente para o próximo concurso, visto que a matéria prima é de 1.ª qualidade... e os prémios pecuniários não são para desprezar nos tempos que vão correndo...

### João das Neves

Este nosso particular amigo mui distinto chefe da secretaria da Câmara do visinho concelho de Castanheira de Pera, ficou classificado no concurso de promoção à 2.ª classe realizado no Ministério do Interior no passado mês de Junho, pelo que lhe enviamos cordiais cumprimentos de felicitações, desejando-lhe as melhores felicidades no prosseguimento da sua carreira.

Dos 84 concorrentes que apresentaram provas, apenas se classificaram 39, existindo as vagas necessárias para poderem ser providos imediatamente.

convictos de que o concurso, organizado conforme elas indicam será bem acolhido por todos os leitores da «Regeneração», para que fazemos os mais ardentes votos.

O Júri

aa) António Ramos  
Fausto Serrano  
Alberto Teixeira Forte

### O nosso concurso

Conforme a acta do júri publicada noutro lugar, informamos os nossos leitores que foram aprovadas duas sugestões apresentadas pela menina Maria Engrácia dos Reis e pelo sr. dr. Mário Miguel Pupo Correia, ambos residentes nesta vila, a quem coube, respectivamente, a cólcha de sêda oferecida pela casa comercial do sr. José Pedro dos Santos, e a camisa de sêda oferecida pela casa comercial do sr. Gustavo Coelho Godet.

Como foram classificadas duas sugestões, alternaremos os concursos, isto é, numa quinzena cingir-nos-emos a uma das sugestões e na seguinte à outra.

Assim, no próximo numero começará já o concurso, aproveitando-se a sugestão apresentada pela menina Maria Engrácia dos Reis, que tem direito de prioridade por pertencer ao sexo frágil...

No numero seguinte servir-nos-emos da sugestão do sr. dr. Pupo Correia.

No próximo numero, em que, como atrás dissemos, se iniciará o concurso, exporemos detalhadamente o que se deve fazer para se ficar habilitado aos prémios que oferecemos.

Os contemplados no «Concurso das Sugestões» podem requisitar na nossa redacção o «vale» que os autoriza a receber os prémios nas casas comerciais indicadas.

### Dr. Fernando Côrte-Real

Tomou posse do cargo de Presidente Substituto da Câmara Municipal de Tomar e Encarregado dos Serviços Policiais daquêl concelho, o nosso particular e distinto amigo sr. dr. Fernando de Albuquerque Côrte-Real, digno Chefe da Secretaria Judicial daquela Comarca.

Das elevadas qualidades morais e intellectuais do ex.º dr. Fernando Côrte-Real muito tem a esperar a cidade e concelho de Tomar.

A'quele nosso ex.º e dedicado amigo daqui enviamos um sincero abraço de felicitações, lamentando que os nossos afazeres profissionais nos tivessem impedido de assistir ao acto de posse, como era nosso desejo.

A quando da sua passagem pela Câmara do nosso concelho, onde exerceu as funções de Vice-Presidente, o sr. dr. Côrte-Real só grangeou simpatia e conquistou amizades, não sendo de es tranhar que o mesmo suceda agora no exercício das suas novas funções em Tomar. E' o que sinceramente lhe desejamos.

# ULTIMA CARTA

## Considerações bastante desprezenciosas a propósito da paisagem de Figueiró

Aquele meu amigo era um romântico. Amava muito e sofrera mais. Como Camilo, podia afirmar que «envelhecera a amar». Porém, ele não envelhecera na idade. Gastara a alma ao fogo das paixões ardentes. Amara demasiadamente, com frenesi, louras e morenas, mais estas do que aquelas, semeando dôres e tristezas à sua volta.

O seu fim de amoroso impenitente não me surpreendeu. Um dia fui encontrá-lo estirado no soalho do seu quarto, de bôrco, sangue espalhado em redor, e um revólver ainda seguro na mão direita e a mão esquerda comprimindo umas folhas de papel de carta.

Conhecedor da sua vida íntima abrangia logo a tragédia e deliberei subtrair aos olhos indiscretos da justiça aquelas folhas de papel, que para nada lhe serviriam.

Eram duas cartas. Numa, lacônicamente, dizia-lhe alguém: «A M... A... morreu hoje pensando em ti. Reza por sua alma». Tinha a data de 15 de Outubro de 19... A outra era constituída por várias folhas de papel côr de rosa ténue, impregnadas de um suave perfume, e onde a espaços se notavam inequívocas marcas de lágrimas.

A letra delicada percebia-se estar alterada por um nervosismo febril. Era datada de 25 de Setembro anterior.

O meu amigo romântico desprendera-se da vida, que tanto vivera, no dia em que recebera a notícia da morte de M... A...

Deixou-me uma carta onde a sua alma se exalçava às regiões do sonho em que sempre, poeticamente, deambulava em busca de sensações ignotas... e novas.

Hoje, tantos anos volvidos sobre um caso que apaixonou sobremaneira o meio intelectual lisboeta, — além de amoroso o meu amigo era literato... — não vejo inconveniente em publicar a última carta de M... A... que morreu por amor o que, se não é único, é pelo menos raro, e que revela uma requintada sensibilidade de mulher que o meu amigo por andar lá muito por cima só tardiamente compreendeu, mas tão bem que se lhe foi juntar num gesto de contrição que Deus, certamente, soube perdoar.

«António.

Antes de te escrever esta carta tenho pensado muito e sofrido ainda muito mais.

Tu, que conheces a minha natureza afectuosa em extremo, que sabes o grau de afeição que te dedico, deves calcular, quando te inteirares do conteúdo desta, a intensidade do meu sofrimento e de quanta coragem precisei revestir-me para poder escrever-te.

Bem sei que as minhas máguas

já não te causam impressão alguma, que as minhas palavras já não encontram eco no teu coração, pois lá vai o tempo em que eu era a tua querida M... A... e em que todos os mimos e carinhos tu achavas poucos para mim. No entanto, fartei-te a justiça de acreditar que não desviarias os olhos desta carta e que se ainda te mereço... como o direi? — alguma consideração, espero que não a lerás com um cruel, hirónico e desprezador sorriso a vincar-te os lábios, mas sim com um pouco de respeito e pesar... por quem tornaste tão infeliz!...

Tenho em vão esperado uma resposta às minhas últimas cartas, esperei-te durante estas férias grandes (e tão grandes foram, Deus meu) espero, enfim, todos os dias as tuas notícias sem querer convencer-me da horrível realidade.

Não correspondi, como muitas, ao teu amor, por méra distração e sim por te consagrar uma intensa e profunda amizade e por crer verdadeiras e sinceras as tuas palavras e promessas.

Infelizmente enganei-me, e um sonho de ventura que eu sonhara tão lindo, vejo-o hoje transformado na eterna e terrível história — sempre dolorosa e terrível — o desprezo, o aborrecimento, o tédio... no mesmo, enfim, que tens feito a tantas outras... essas outras que eu sempre tenho lamentado e que sofrerão talvez tanto como eu!...

Eu devia supôr o que havia de suceder-me, mas... fui fraca... amava... e como quem ama desvairava sempre um pouco e eu não fujo à regra geral, desvairarei e... succumbirei!...

Meu Deus! Como eu fui louca, como te amei demasiado!... Para que alimentei esperanças que não podiam realizar-se?... Que vaidade foi essa minha de supôr que jamais me olvidarias?!...

Quem sou eu, afinal, para poder crer-me mais merecedora do teu afecto que qualquer outra?... Que vaidosa eu fui e como Deus me castiga agora!...

Mas eu dizia-te tantas vezes António, tantas! — que não merecia tamanha ventura, que não era digna de ti e do teu amor!...

E tu sempre me acarinhavas e embalavas-me com tão doces esperanças, prometias-me uma vida tão cheia de amor e carinho, que eu embriagava-me com as tuas quentes e carinhosas palavras e cria em ti com uma fé cega, como no meu Deus!...

Disseste-me, e há bem pouco tempo foi, que Lisboa já não conseguia desvairar-te como dantes, que irias agora entregar-te simplesmente ao estudo e a dois amores — o meu e o da família — e para quê António? para que me disseste o que não

sentias, para que me mentiste, para quê?...

Prometeste mais do que podias dar-me, mas não julgues, porém, que eu venho para aqui gritar-te o meu ódio ou rancôr, pois o meu coração jámais albergou ou albergaria semelhantes sentimentos. Não venho, tão pouco, com inúteis acusações exprobar o teu procedimento. Não. Para quê?... Olha para dentro de ti, volve os olhos para o passado e se a voz da consciência ainda em ti não adormeceu de todo, ela te mostrará melhor que todas as minhas palavras a forma como procedeste!...

Além disso eu só de mim me devo queixar, pois eu e só eu fui a verdadeira e única culpada.

Nunca eu devia ter correspondido ao teu amor, devia ter tido forças e sabido sufocar e recalcar em mim este afecto, ocultá-lo no âmago do meu coração, escondendo de todos e de ti mais do que ninguém esta paixão que será a causa da minha imensa desventura!

Tem Oscar Wilde um pensamento assás verdadeiro e perfeitamente adaptável ao nosso caso. Diz ele que «ninguém pode por muito tempo ocultar o amor onde ele existe, nem fingi-lo onde ele não existe». Assim é, e assim nos sucedeu...

Tu eras novo e sequioso de Amor... Conheceste-me um dia e rodeaste-me um tanto ou quanto de mistério... Desvendado este acabou-se o encanto... ficou a decepção!

Elevaste-me a um nível tão superior, colocaste-me tão alto na tua imaginação e sobre um tão alto pedestal que quasi me aureolaste de Santal!...

Por isso, hoje, ao desmorronar-se todo esse castelo de fantasia e de sonho, a queda e a desilusão foram mil vezes maiores!... E fatigaste-te!...

Infelizmente não correspondo ao teu Ideal, nem ao que tu de mim julgavas...

A minha cultura intelectual não se assemelha à tua e não me permite embrenhar-me contigo em certas discussões e dissertações que certamente seriam para ti bastante agradáveis e não posso, com bastante mágnia minha, acompanhar-te!...

Outras qualidades também as não possuo, e de resto, ainda que as possuísse, para você: — homens — vem sempre um dia em que, como dizem os franceses — «tout passe, tout casse et tout lasse...»

Mas é tão triste, António, tão triste, este despertar para a realidade!...

Como eu ao reler as tuas cartas me parece impossível que isto viesse a acontecer!

(Continua na 5.ª página)

# ANA MARIA

## CONTO

por Rafael Trindade

### VIII

Foi o instinto que me impeliu para êle, pois mal o conhecia. A sua expressão, porém, logo à primeira vista fez-me lembrar a do homem que no patamar da escada do meu prédio beijára a Ana Maria e que na estação, à hora da despedida nos olhava tão sinistramente. Atirei-me a êle esbofeteei-o e soquei-o fortemente na cabeça, na cara, no estômago sem que soltasse um queixame. Antes pelo contrário, ria loucamente,

A lua, que se reflectia nas águas calmas do rio, batia-lhe de chapa na cara. Como era medonho o seu aspecto! Insultei-o, chamei-lhe assassino. Ele, porém, conservava a mesma postura. E, acendendo outro cigarro, falou-me numa voz quasi imperceptível.

— Perdoa. Sou um miserável. Não a queria matar, queria somente desfigurá-la para que a abandonasses e viesse para mim.

Mas ela não me compreendeu...

E riu, riu muito, na mesma risada louca que feria os ouvidos e arrepiava os cabelos.

— Passei muitas noites encostado à vossa porta durante horas e horas, até vêr luz lá dentro. Depois, quando tudo caía em silêncio, retirava-me adivinhando o vosso deleite. Pensei em matar-te mas ela repeliu um assassino.

E riu outra vez, com a boca muito aberta e os olhos, batidos pela lua, a brilharem como duas luzitas a extinguirem-se.

— Estraguei-vos a felicidade... Calou-se. Os seus olhos faiscaram, ergueu a cabeça e continuou.

— Vi a entrar. Sabia que não estava em casa e que a erizada havia ido à terra. E... pronto.

Ao tratar pela primeira e talvez última vez da paisagem, tema quasi exclusivo quando se fala de Figueiró, não abandono a ideia da responsabilidade que isso acarreta.

Pode dizer-se que tudo foi dito e redito, que a paisagem se vestiu e despiu inúmeras vezes ante a perspicácia de olhos bastante atentos. Quer por intermédio de palestras radiofónicas, quer por intermédio de artigos de jornais, guias turísticos, álbuns, bilhetes postais, e até mesmo, sob o aspecto mais puramente artístico, por intermédio de muitos quadros de Malhó e do lápis e da poesia de Alfredo Keil, se não estou em erro, a paisagem de Figueiró e arredores tem sido diversamente e intensamente divulgada, tratada e até dissecada.

No entanto, e aqui é que está o buslil, como diria o Hamlet, e como sempre acontece, alguma coisa se pode dizer. O maior número das pessoas que, geralmente, traçam eloquentes panegíricos em favor da «paisagem exuberante», da «riqueza de matizes» e dos «regatos de água cristalina que descem da encosta», não sabem, nem podem sentir toda a sua beleza. Fundamentam-se em opiniões alheias, em apreciações de sensibilidades mais ricas. Isto dá-se com quasi todos aquêles que passam a maior parte do ano em contacto com as árvores, as fontes e as serras que tanto apreciam. E não se leve em exagêro o que afirmo, pois ninguém pode duvidar da insuficiência de sensibilidade na apreciação de fenómenos estéticos (neste caso paisagísticos) das pessoas habituadas a determinar o rom rom de vida e de espec-

táculo. Da mesma maneira que um português nunca pode fazer um estudo de auto-crítica sem observar países em que as costumeiras e os espíritos divergem do seu, e da mesma maneira que na apreciação de qualquer fenómeno literário é necessário entrar em linha de conta com o estudo comparativo, assim também, neste caso, o da apreciação da paisagem, é necessário fazer qualquer coisa de semelhante, pensando ainda, é claro, na viabilidade de tal método.

Para não complicar: Quem tem obrigação de saber gozar (e é o mais natural) a beleza sem dúvida quasi única da nossa terra são todos aquêles que vivem longe dêsse ambiente, nas cidades principalmente, e que de vez em quando vêm até Figueiró.

E' por tudo isto e muito mais que não vale a pena dizer que eu faço uso da «dúvida metódica» em muitíssimas ocasiões...

Não são apenas os já clássicos Cabeço do Peão, Fragas de S. Simão, Ponte da Bairrada, Matinha, etc., que despertam o gozo do visitante. Em cada encosta, em cada cabeço, em cada janela da vila, há um quadro inédito e maravilhoso.

Depois de lavadas e saradas feridas íntimas para que a harmonia entre o homem e a natureza possa tornar-se mais completa, Figueiró pode orgulhar-se de ser alguma coisa, bastante mesmo.

No início dêste artigo falei em «considerações bastante desprezenciosas». Não poderia agora falar em considerações «desprezenciosíssimas»?

Manuel Diniz Herdade

## Um grão de incenso

Entraste com ar cansado  
Numa igreja fria e triste.  
Ajoelhei-me ao teu lado  
— E nem ao menos me viste...

Ficaste a rezar ali,  
Naquela imensa tristeza.  
Rezei também, mas a ti,  
— Que aos anjos também se reza...

Ficaste a rezar ali  
Manhã dentro, manhã alta.  
Como é que tens tanta fé  
— E a caridade te falta?...

Augusto Sil

## Feira de S. Pantaleão

Conforme anunciámos no número anterior, terá lugar nos dias 26, 27 e 28 do corrente a feira anual de S. Pantaleão.

Aproveitando a quadra, um grupo de rapazes coadjuvado por gentis senhoras da nossa vila, propôs se levar a efeito umas festas no Jardim — Parque que constarão de Kermesse, Barracas de Chá e Refrigerantes, Tiro ao alvo, etc, etc, e em benefício da Misericórdia e do Académico local

Achamos muito simpática a iniciativa e estamos certos que a afluência a estas festas será grande, não só pelas belas atracções mas ainda pelo fim altruista a que se destinam.

Calou-se novamente. Apoiou a cabeça entre as mãos e cruzou as pernas. Devia recordar tôdas aquelas cenas horribéis.

De repente levantou-se, colocou-se à minha frente e gritou-me de olhar desvairado:

— Perdôa e mata-me. Mata-me que eu quero morrer e não tenho coragem de me matar. Mata-me por favor.

Sou um cobarde, um cobarde, — gritou mais alto ainda. E a palavra forte ecoou na outra margem e perdeu-se no vácuo.

Deixei-o entregue à sua loucura. Durante dias, não sei a existência que levei. Só me lembro que

quiz ser amado por uma bailarina extraordinariamente parecida com a bôa Anita, mas que o não conseguí por ser demasiado piegas como ela disse.

Hoje, lamento a loucura do pobre Fred e recordo com saúde um sorriso de tristeza, uns olhos muito negros e os dias mais felizes da minha vida.

FIM

Coimbra, Fevereiro de 1939.

Brevemente:

Sensacional folhetim

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

**Éditos de sessenta dias**  
(2.ª Publicação)

Faz-se saber que por este Juizo e sua 2.ª secção, correm éditos de dois meses, a contar da segunda publicação do respectivo anuncio no jornal da sede da comarca, notificando os reus, todos cidadãos, Olindo dos Reis ou José Rodrigues "O Lãdo", casado de quarenta e cinco anos; João Rodrigues Seabra, solteiro, de vinte anos; José Beirrolas ou António Varola, casado, de trinta e quatro a trinta e seis anos; Mariano Maia, casado, de quarenta e cinco anos; António Rodrigues ou António Marujo, solteiro, de dezoito a vinte anos; Edmundo Botas, o "Barracas", casado, de vinte e seis a vinte e oito anos; José Paulo Rodrigues o "Chato", de trinta e oito a quarenta anos e Domingos Seabra, solteiro, de dezoito a vinte anos, todos actualmente ausentes em parte incerta, mas com a sua ultima residência conhecida na cidade de Santarém, para se apresentarem no tribunal judicial desta comarca a fim de responderem em processo de querela que lhes move o Ministério Público pelo crime de homicidio voluntario previsto pelo art.º 349 e punido pelo 351 do Código Penal, com a cominação de que, se não se apresentarem no prazo assinado, seguirá o processo a sua revelia, podendo decorrido o prazo dos éditos, os reus serem presos por qualquer pessoa do povo e o deverão ser por qualquer official de Justiça ou agente da autoridade, para ser entregue em Juizo.

Figueiró dos Vinhos aos três de Julho de mil novecentos e trinta e nove.

O Chefe da Secretaria Judicial  
**Miguel Mário Pupo Correia**  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,  
**Themudo Machado**

Jornal «A Regeneração»—n.º 485  
de 22 de Julho de 1939

**Joaquim J. Fernandes**

Medico Municipal

Clinica geral  
Doenças das crianças

Figueiró dos Vinhos

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS  
(2.ª Publicação)

Faz-se saber que no dia trinta de Julho, próximo, pelas doze horas, a porta do Tribunal Judicial, desta Comarca, sita ao Convento do Carmo, desta vila, vão à praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido o direito e acção a quinta parte da herança indivisa dos seguintes prédios, penhorada nos autos de execução de sentença que Manuel Martins, casado, do Carregal Cimeiro move a Albano da Silva e Maria Augusta Alves e marido do mesmo lugar.

Uma casa de habitação com seus logradouros sito ao Porto do Carro; Um prédio de rega

com videiras no sitio do Porto do Carro; Um casa, terreno de rega, pinheiros e mato às Brazinas; Testada de mato às Costinhas; Uma sorte de mato e pinheiros sita à Sobreira; Uma sorte de mato sito á Traça; todos situados nas limites do Carregal Cimeiro. Herança indivisa esta que vai á praça no valor de mil quinhentos e cinquenta escudos 1.550\$00

Para a praça são citados quaisquer credores incertos. Secretaria Judicial da comarca de Figueiró dos Vinhos, aos desanove de Junho de mil novecentos e trinta e nove.

O chefe da 1.ª secção  
**Jaime Ribeiro Sucena**

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito substituto  
**Lacerda e Costa**

Jornal «A Regeneração»—n.º 485  
de 22 de Julho de 1939

\*\*\*\*\*

**“A Regeneração,”**

ASSINATURAS

Portugal e Ilhas Adjacentes:

Cada série de 24 numeros. . . . . 9\$50  
" " " 48 " . . . . . 19\$00

Este preço é acrescido do porte do correio

COLONIAS:

Cada série de 24 numeros. . . . . 16\$00  
" " " 48 " . . . . . 32\$00

ESTRANGEIRO:

Cada série de 24 numeros. . . . . 24\$00  
" " " 48 " . . . . . 48\$00

Pagamento adiantado

\*\*\*\*\*

**Carreira de Camionetes**

ENTRE

**Castanheira de Pêra**

e **Lisboa**

DE

**BARREIROS & PINAZ**

**Garage NAVARRO**

Rua da Palma—Lisboa

**Banco Espírito Santo**

e **Comercial de Lisboa**

SEDE — **LISBOA**

**Filiais**—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.

**Agências**—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e **Figueiró dos Vinhos**

Todas as operações bancárias

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

**Éditos de 30 dias**  
(2.ª Publicação)

Por este Juizo e pela primeira secção desta comarca de Figueiró dos Vinhos correm éditos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação deste, citando quaisquer interessados incertos que pretendam opor se ao pedido de levantamento de 3 729\$79, referentes aos depósitos feitos no inventário orfanológico por óbito de Manuel Joaquim Rodrigues, sendo a quantia de 648\$97 depositada na agência da Caixa Geral de Depósitos de Leiria, sob o numero 2926 e a quantia de 3.080\$82 depositado em Lisboa—Central ou seja o total de 3729\$79 e que pertence á interessada Fernanda Rodrigues ou Fernanda Ferreira, logar do Casal dos Ferreiros, freguesia da Graça com celho de Pedrógão Grande, desta comarca, nos respectivos autos de justificação avulsa nos termos do art. 595.º e seguintes do Código do Processo Civil para deduzirem em vinte dias a opposição que entenderem áquele pedido.

Figueiró dos Vinhos, três de Julho de 1939.

O chefe da 1.ª secção  
**Jaime Ribeiro Sucena**

Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito  
**Themudo Machado**

Jornal «A Regeneração»—n.º 485  
de 22 de Julho de 1939



ANTI-MAGNETICO  
GARANTIDO CONTRA  
ACIDENTES



Consertam-se objectos de ouro, prata relógios grafonolas etc  
Preços sem competência

**A' venda na**  
**Relojoaria de**  
**Joaquim Marques Ponto**  
Praça José Malhoda

Variado e grande  
mostruário em relógios  
de parede, bolso,  
pulso e despertadores

**Nova Carreira de Camionetes**

ENTRE

**Cabaços e Coimbra**

**Diária** (Excepto aos Domingos, dia de Natal, Ano Novo e Terça-feira de Carnaval)

Inaugurada no dia 4 de Outubro de 1937

**Horário e itinerário**

CABAÇOS	(partida)	6.45	COIMBRA	(Partida)	16.35
Vila Nova	"	6.53	Pereiros	"	16.40
Alvaiázere	"	7.00	Portela do Gato	"	16.50
Barqueiro	"	7.20	Chão de Lamas	"	17.10
Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	7.30	Podentes	"	17.20
Chão de Couce	"	7.40	Boiça	"	17.25
Pontão	"	8.00	Ponte do Espinhal	"	17.30
Tojeira	"	8.03	Venda das Figueiras	"	17.50
Venda das Figueiras	"	8.10	Tojeira	"	17.57
Ponte do Espinhal	"	8.30	Pontão	"	18.10
Boiça	"	8.35	Chão de Couce	"	18.20
Podentes	"	8.40	Vendas de Maria (Ramal para Maças de D. Maria)	"	18.30
Chão de Lamas	"	8.50	Barqueiro	"	18.40
Portela do Gato	"	9.10	Alvaiázere	"	19.00
Pereiros	"	9.15	Vila Nova	"	19.12
COIMBRA	(chegada)	9.30	CABAÇOS	(chegada)	19.20

**P. S.**— Desde 16 de Maio a 30 de Setembro, sai a carreira de Coimbra, meia hora mais tarde: Esta carreira recebe pela manhã, no Pontão, passageiros que se destinam a Coimbra, vindos de Castanheira de Pêra, Pedrogam Grande e Figueiró dos Vinhos, nas carreiras que se destinam a Lisboa

Paragem em Coimbra, na Auto-Garage, (junto à Estação Nova do C. de Ferro) — **Telefone 701**  
Os Proprietários, 24-22

**A. J. ALVES & C.ª**

Maças de D. Maria

**Armazém de Ferro, Aço e Carvão**

**Josés António da Conceição**  
Pombal :: Telefone n.º 7

Completo sortido de ferragens, ferramentas, tintas e louças

**Materiais de construção**

Artigos sanitários—Tubos de ferro, grês e de fibro-cimento

Agente-depositário de:

Cimento LIZ—Produtos LUZA LITE—CERAMICA DE TAVEIRO

Cal hidráulica MACIEIRA 24-13

Os melhores preços

**Todo a preços das fabricas**

Sempre novidades, tanto em artigos de inverno como para verão, e aonde os Ex.ªs fregueses encontram sempre a ultima moda em todos os artigos.

Calçado para homem e senhora. Quem quer pôr um bom chale de merino e de lã dos Pirineus, deve-o comprar no Gustavo Coelho Godet.

Perfumes Naly e Taipas

Figueiró dos Vinhos

**Vende-se**

A quinta do Minhoto, ao Ribeiro Travesso e um prédio de casas na rua do Cal hidráulica MACIEIRA 24-13 Carmo, desta vila. Quem pretender dirija-se a esta Redacção.

**FARMÁCIA CORRÊA**

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras. Aguas minero medicinais.

Esterelisação de pensos, empolas e sóros

Produtos especialisados:

Elixir de nucleina composto, Vermifugo e Pomada de salicilato composta

Largo da Praça

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

**Pagamento de assinaturas**

Foram pagas na nossa redacção as assinaturas do nosso jornal referentes aos nossos amigos:

- Alberto Simões, Ilha do Príncipe
- Manuel João, Lavandeira
- Manuel Alves Casinhas, Albornoa
- Celestino Fernandes, Entradas

**FAUSTO SERRANO**

Médico cirurgião da Casa do Povo

Residência — CAFÉ CENTRAL

**Telefunken**

O nome é a garantia da qualidade. O nome *Telefunken* é bem conhecido como o pioneiro na técnica de emissão e recepção.

*Telefunken* construiu as mais potentes estações emissoras, do mundo; fábrica emissoras, válvulas e receptores de rádio-difusão, de T. S. F. e de Televisão. Aviões e navios orientam-se durante a noite e no nevoeiro com os infalíveis instrumentos radiogoniométricos *Telefunken*.

Os técnicos de emissão e recepção trabalham em conjunto, pelo que, qualquer invento ou aperfeiçoamento num campo é aproveitado no outro. E' assim que *Telefunken* apresenta sempre o que de mais moderno e perfeito se pode conceber — depois de efectuar todas as experiências por sua conta — não lançando no mercado produtos que não sejam previamente experimentados sob todos os pontos de vista e práticos.

A série *Telefunken* 1939, engloba notáveis melhoramentos quanto à recepção e à reprodução musical, sendo, em todos os seus aspectos, uma verdadeira e magnífica — *Série de Pedras Preciosas*.

São rádio-receptores que nunca perderão o seu valor!

O receptor que ostenta o nome *Telefunken* é um receptor de qualidade que sempre será amigo verdadeiro do seu feliz possuidor.

Submetendo à experiência uma das unidades *Telefunken* — Série *Pedras Preciosas* — logo surge a convicção do seu incomparável valor.

Em mais de 70 países são vendidos os receptores *Telefunken*.

Sidney ou Bombaim, Rio de Janeiro ou Paris, em todo o mundo se escuta com *Telefunken* com emissoras *Telefunken* se difunde.

Esta prova de universal confiança é devida às suas inegáveis qualidades. Seja o que for — desde as maiores válvulas de emissão à mais pequena válvula de recepção — as gigantescas torres emissoras ou os receptores de rádios — tudo é construído sob a divisa — *Qualidade Telefunken*.

**Vende-se** Um prédio composto de lojas e 1.º andar onde se encontra instalada uma padaria com o respectivo alvará e licença de laboração, na rua dr. Simões Barreiros, desta vila. Para tratar com Cunha, Ramos & C.ª — Rua, Sargento Mor 14 a 24 — Coimbra.

**P F A F F**

A rainha das Máquinas de Costura, a melhor e mais silenciosa de todas que se vende em todo o mundo.

Cose, borda, faz ponto zig-zag, caseia e prega botões.

Vende-se a pronto e a prestações em **Figueiró dos Vinhos**, no estabelecimento de

**Irolinda Nunes Curado**

**EXPEDIENTE**

Pede-se a todos os nossos estimados assinantes que têm o pagamento de sua assinatura em atraso, o favor de no-la vir satisfazer ou mandar.

Como são grandes os encargos que temos para pôr em circulação este nosso jornal, ainda mais dispendioso se nos torna, obrigando-nos a enviar avisos pelo correio.

Esperamos, pois, a obsequiosa atenção dos nossos assinantes para este apêlo e que são todos aqueles a quem não podemos fazer cobrança pelo correio.

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

1.ª Praça

Faz-se saber que no dia 8 de Outubro próximo, pelas 12 horas, à porta do tribunal judicial desta comarca, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido além do indicado, os moveis e imóveis abaixo referidos, penhorados na execução por custas e sélos que o Ministério Publico move neste juizo e 2.ª secção a Albertino Bernardo, solteiro, maior, padeiro, residente no Fontão de Castanheira de Pêra, desta mesma comarca:

**IMOVEIS**

- 1.º—O direito e acção a 1/6 parte duma terra de sementeira sita no lugar da Pontinha, limite do Fontão; vai aquele direito à praça no valor de 175\$
- 2.º—O direito e acção a 1/6 parte duma terra de sementeira com oliveiras, sita no Valinho, limite do Fontão; vai aquele direito à praça no valor de 75\$00
- 3.º—O direito e acção a 1/6 parte duma terra de sementeira com oliveiras, no mesmo sitio e limite; vai aquele direito

**CONSULTORIO DENTARIO**

**A. MARTINS NUNES**

DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS

Consultas aos Sábados das 16 horas em diante e aos Domingos até ao meio dia

Praça **JOSÉ MALHOA Figueiró dos Vinhos**

Fechado temporariamente

Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

- à praça no valor de 120\$00
  - 4.º—O direito e acção a 1/6 parte duma terra de sementeira sita à Vergadinha, limite do Fontão; vai aquele direito à praça no valor de 400\$00
  - 5.º—O direito e acção a 1/6 parte duma terra de sementeira sita à Cavada do Trigo, limite dito; vai aquele direito à praça no valor de 100\$00
  - 6.º—Uma casa de habitação rez-do chão e lojas, sita no lugar e limite do Fontão; vai à praça no valor de 100\$00
- MOVEIS**

- 7.º—Uma balança decimal bastante usada; vai à praça no valor de 40\$00
- 8.º—Trinta quilos de farinha de segunda; vai à praça no valor de 60\$00

Todos os imóveis são situados na freguesia de Castanheira de Pêra. Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e bem assim o proprietário Serafim Bernardo, ausente em parte incerta do Brasil, este para usar do direito de preferencia, querendo, no acto da dita praça.

Figueiró dos Vinhos 3 de Julho de 1939.

O chefe da 2.ª secção  
*Joaquim José da Conceição Júnior*  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de direito  
*Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» — n.º 485 de 22 de Julho de 1939

**GÊLO**

**VENDE-SE** qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pêra

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Editos de 30 dias

1.ª publicação

Por este juizo e sua primeira secção correm editos de trinta dias intimando José Augusto, residente em Lisboa, com morada desconhecida, para no praso de dez dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, alegar o que entender por conviente sobre o exercício do poder paternal a respeito da menor sua filha Dozilia Rosa Augusto, oferecer documentos, juntar rol de testemunhas e requerer quaisquer diligências, nos autos de regularização de poder paternal, referente à acção de divórcio em que é autora Maria Rosa, da Agria Grande e ele Reu.

Figueiró dos Vinhos, aos sete de Julho de 1939.

O chefe da 1.ª secção  
*Jaime Ribeiro Sucena*  
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
*Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» — N.º 485 de 22 de Julho de 1939

**Abilio da Conceição Rodrigues**

Advogado

Castanheira de Pêra

Em PEDRÓGÃO GRANDE: tôdas as segundas-feiras até ao meio dia

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

No dia trinta de Julho corrente, pelas doze horas à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, sita ao Convento do Carmo, desta vila, vai à primeira praça para ser arrematado por qualquer preço oferecido além do indicado o prédio abaixo designado, penhorado nos autos de Execução Sumaria que João Simões, casado, da Soalheira, move a Manuel Henriques, divorciado do Nodeirinho.

**PREDIO**

Um casa de sobrado e lojas com seu pateo, sito no lugar do Nodeirinho. Vai à praça no valor de quatro mil escudos 4.000\$00

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, onze de Julho de 1939.

O chefe da 1.ª Secção  
*Jaime Ribeiro Sucena*

Virifiquei a exactidão

O Juiz de Direito  
*Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» — N.º 485 de 22 de Julho de 1939

**Vendem-se** Casa de habitação, bem conservada, e quintal.

Quem pretender dirija-se a Horácio de Sousa — Figueiró dos Vinhos.

**Anuncio**

COMARCA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS (1.ª praça)

Faz-se saber que no próximo dia 30 do corrente, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sitio ao Convento do Carmo desta vila, vão à primeira praça para serem arrematados por qualquer preço oferecido, além do abaixo indicado, os prédios a seguir discriminados penhorados nos autos de execução de sentença que Domingos Henriques, casado, carpinteiro, do Carregal Fundeiro, desta comarca move contra Armando Rodrigues e mulher, Jeronima Maria, viúva, e Soledade Maria, solteira, todos residentes no lugar do Carregal Fundeiro, já referido, e a saber:

**PREDIOS**

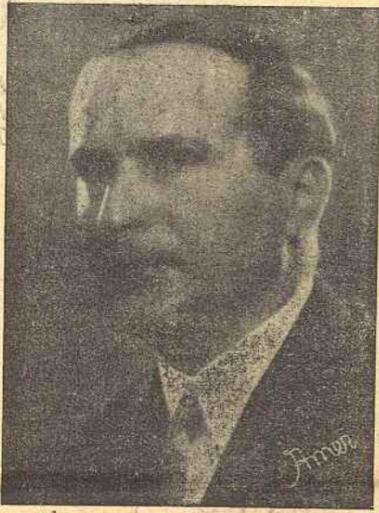
- 1.º—Uma terra de sementeira sita no Moinho Velho, freguesia de Castanheira de Pêra; vai à praça no valor de 100\$00
  - 2.º—Terra com oliveiras sita no Moinho Velho; vai à praça no valor de 80\$00
  - 3.º—Terra de sementeira com oliveiras e mato ao Moinho Velho; vai à praça no valor de 70\$00
  - 4.º—Uma testada de mato aos Covões; vai à praça no valor de 20\$00
  - 5.º—Uma morada de casas, de habitação com rez-do chão e primeiro andar no Carregal Fundeiro; vai à praça no valor de 150\$00
  - 6.º—Uma sorte de mato sita às Oliveirinhas; vai à praça no valor de 15\$00
  - 7.º—Uma sorte de terra de sementeira sita ao Quelho; vai à praça no valor de 20\$00
  - 8.º—Uma sorte de terra de sementeira sita à Courela; vai à praça no valor de 30\$00
  - 9.º—Uma terra de sementeira sita à Nogueira; vai à praça no valor de 100\$00
  - 10.º—O direito e acção a uma terça parte de uma terra de sementeira e mato sita na Fonte; vai à praça no valor de 150\$00
  - 11.º—O direito e acção a uma terça parte de uma terra de sementeira sita ac Moinho Velho; vai à praça no valor de 120\$00
  - 12.º—O direito e acção a uma terça parte de uma terra com oliveiras no Moinho Velho; vai à praça no valor de 100\$00
- Pelo presente são citados quaisquer credores incertos.
- Figueiró dos Vinhos, aos onze de Julho de 1939.
- O chefe da 2.ª secção  
*Joaquim José da Conceição Júnior*  
Verifiquei a exactidão
- O Juiz de direito  
*Themudo Machado*  
Jornal «A Regeneração» — n.º 485 de 22 de Julho de 1939

**Precisa-se**

Casa mobilada com 5 divisões para Agosto e Setembro. Quem pretender alugar dirija-se à Câmara Municipal.

# Dr. José Martinho Simões

**Justo preito de homenagem a quem muito  
- - trabalhou em prol da sua terra - -**



Dr. Martinho Simões

20 de Julho de 1934:  
Fez agora 5 anos. A notícia correu célere pelo concelho.  
Morreu o dr. Martinho Simões!  
E dos mais humildes tugúrios às casas mais apalaçadas, houve um par-tentesis na Vida que decorria, um sópro de emoção indescriível que punha aos rostos e nas almas uma nota trágica de angústia.  
Morreu o dr. Martinho Simões!  
Era a triste e brutal realidade.  
E de Figueiró partiram para Lisboa dezenas de indivíduos em cami-onettes, em automóveis, nos meios de transporte que puderam arranjar, irma-nados todos num mesmo desgosto profundo, num mesmo pesar sentido, tri-buto último de admiração, simpatia e respeito que queriam prestar a um dos mais ilustres Figueiroenses de todos os tempos.

Rememorar essa figura de Português e de Homem integérrimo é, mais do que um simples preito de homenagem, obrigação indeclinável de todos os figueiroenses de bem e de todos os seus amigos sinceros.

Das qualidades invulgares do seu carácter, da bondade excelsa da sua alma, da sua inteligência superior e da sua vastíssima cultura, melhor que a voz dos seus amigos, falam a admiração e respeito dos que possuíam pontos de vista opostos aos seus. A homenagem consagrada dos seus contemporâneos ainda está por fazer. Muito embora uma das principais artérias da vila já possua o seu nome e exista já uma pintura a óleo dum ilustre artista da paleta para ser inaugurada oportunamente no Salão Nobre dos Paços do Concelho, não é nenhuma dessas a consagração que a memória do dr. Martinho Simões merece e se lhe deve. O cinzel dum artista terá que talhar o busto que há-de figurar num dos Parques desta vila que Ele tanto amou e ajudou a engrandecer. A ideia está lançada. Não faltará quem a saiba impulsionar.

A. S.

É com profunda emoção que re-cordamos a figura do saudável nacio-nalista sr. dr. José Martinho Simões, que a morte ceifou, impiedosamente, em 20 de Julho de 1934.

É com profunda emoção—repe-timos—que 5 anos volvidos vimos arquivar piedosamente, por preito de justiça, as notas biográficas des-se que foi, além de Figueiroense muito ilustre, um nacionalista inte-merato que à causa do Estado No-vo deu o melhor da sua inteligência e o esforço mais persistente.

Figueiró dos Vinhos e o concelho perderam, com o falecimento do sr. Dr. José Martinho Simões, aos 42 anos, uma das mais prestigiosas fi-guras da geração de hoje.

O Dr. Martinho Simões era natu-ral de Trespostos, freguesia de Campelo, do concelho de Figueiró. Cursoo no Liceu de Setúbal até ao 5.º ano, obtendo sempre a maior clas-sificação do seu curso e tendo reve-lado qualidades excepcionais de in-teligência e trabalho, a tal ponto que alcançou, no final do quinto ano, em 1908, o prémio «Bocage», que a Câmara daquela cidade dá ao aluno mais classificado.

Distinguiu-se por tal forma, que o então reitor do Liceu de Setúbal se dirigiu ao pai, pedindo lhe que não interrompesse os estudos de seu filho e que o mandasse para Coimbra.

Nesta cidade, entregue aos seus próprios esforços,—pois leccionava para poder prosseguir a carreira de estudante,—continuou a revelar-se sempre, obtendo no final do curso de direito, dezoito valores (muito bom).

A expensas suas e enquanto cur-sava a Universidade, tirou o curso do Magistério Primário seu irmão Artur Martinho Simões, actual func-ionário do Ministério do Interior.

Terminado o curso, em 1917, foi mobilizado como alferes miliciano, seguindo imediatamente para Fran-ça, onde esteve até ao final da Grande Guerra.

Em França abriu o Dr. Martinho Simões um novo período não menos brilhante, da sua vida.

Da sua folha de serviço militar extratamos os seguintes períodos: «Irémos, Condecorações e Louvo-res»—Louvado na O. S. do Corpo n.º 303, de 4 de Novembro de 1918, por uma ocasião em que se praticaram actos graves de indisciplina no Bata-lhão de Infantaria n.º 35 por se ter distinguido pela muita dedicação, decisão e energia de que deu pro-vas na submissão das praças, cujos actos de indisciplina não assumiram mais graves proporções devido à sua intervenção inteligente, ponderada e

inflexível (Nota n.º 2.829 de 8 de Novembro de 1918 da Rep. de Es-tatística do Q. G. B. do B. E. P.). Louvado porque, enquanto o seu ba-talhão esteve nas linhas, manifestou sempre valentia, serenidade e críté-ric, e no que respeita a sacrificios aceitou-os sempre jubilosamente, mostrando-se satisfeito quando no-meado para serviços em que tivesse de arriscar a vida, como patrulhas, rondas exteriores, etc. (Ordem do Corpo n.º 51, de 22 de Fevereiro de 1919) Nota n.º 2829 de 27 da Rep. de Estatística do C. E. P.

Louvado, porque sendo oficial tra-balhador e enérgico e disciplinador tem demonstrado sempre inexcedível zelo e muita dedicação em todos os serviços de que tem sido encarregado, (O. S. da 2.ª B. I. n.º 135, de 18 de Maio de 1919). Medalha come-morativa das campanhas do Exército Português com a legenda: França 1917—1918. Louvado pelo zelo, de-dicação e inteligência com que de-sempenha as funções de adjunto da Secção de Justiça do Q. G. C. des-de 5-3-919, da qual tem sido um excelente auxiliar devido aos seus conhecimentos especiais sobre o ser-viço de justiça (O. S. do corpo n.º 167 de 25-6-919). Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe (O. E. n.º 20 de 23-9-919). Medalha da Vitória (O. R. de 30-12-919).

Regressando à Pátria, como ofi-cial de Infantaria 35, esteve neste regimento, então com séde em Coim-bra, até 1921.

Neste ano deixou a vida militar, vindo para Figueiró, onde fixou resi-dência e iniciou a sua vida de advo-gado.

Aqui também se distinguiu, tor-nando se em pouco tempo um dos causídicos mais queridos e compe-tentes da região.

Veio o «28 de Maio» e o Dr. Martinho Simões que desde a pri-meira hora esteve ao lado deste glo-rioso movimento, foi nomeado pre-sidente do Município de Figueiró.

Logo que tomou conta da admi-nistração do concelho, começou por organizar todos os serviços, dando início à obra formidável que depois se levou a efeito.

Em 1927 foi convidado pelo Mi-nistro da Justiça Doutor Manuel Rodrigues, para exercer o cargo de director geral da administração po-lítica e civil e director geral do Mi-nistério do Interior, lugar que aceitou.

Ali se revelou com rara compe-tência e de tal forma se impôs que dentro em pouco, era geralmente considerado como um dos funcioná-rios mais sabedores e competentes.

Dotado de excepcionais qualida-

des de trabalho e duma inteligência das melhores equilibradas, o Dr. Martinho Simões era um bom ca-rácter e uma esplêndida alma pos-suidor de sentimentos de nobreza que bem o impunham à estima e consideração geral.

De colaboração com o actual pre-sidente do Município de Figueiró dos Vinhos, Sr. Dr. Manuel Simões Barreiros, fundou o semanário «A Regeneração», defensor dos interê-ses dos concelhos do norte do dis-trito de Leiria, dirigindo-o durante três anos.

Ali iniciou vibrantemente a polí-tica de regeneração do concelho se-cundando com energia tôdas as ini-ciativas que tendiam para o seu progresso.

Ficou por tal motivo e ainda pe-lo muito que na capital trabalhou em prol da sua terra, com o seu nome indelévelmente ligado a tôda a obra grandiosa que em Figueiró se realizou no espaço de oito anos.

A sua morte foi, por isso, prof-undamente sentida pela população do concelho que acorreu em massa a Lisboa, utilizando todos os trans-portes mecânicos, como lhes foi possível.

Ainda quando estudante, o Sr. Dr. Martinho Simões publicou di-versos trabalhos sobre direito e já depois de formado produziu outra valiosíssima obra que é adoptada para o 3.º ano das Universidades.

Ocupou um elevado cargo na União Nacional e foi notável pro-pagandista das doutrinas novas, tendo ficado memorável a sua con-ferência, feita em Évora, em 1934, no Teatro Garcia de Rezende, sob o tema: «Na frisa política».

Encarregado pelo Governo de fazer um projecto de reforma do Código Administrativo, ocupava-se desse trabalho quando a morte o surseendeu. Uma parte foi publi-cada, ainda, em separata, no Anuá-rio da Direcção Geral da Adminis-tração Política e Civil n.º 25.

Pelos relevantes serviços presta-dos ao Estado Novo, o Governo condecorou-o com o Grande Oficialato da Ordem Militar de Cristo.

O Sr. Dr. Martinho Simões mor-reu novo, em plena posse de tôdas as suas faculdades de inteligência. Foi um grande defensor do Estado Novo e um grande amigo do pro-gresso de Figueiró dos Vinhos, que se perdeu.

Por isso, estas modestas linhas, escritas com sincera emoção, servi-rão para perpetuar, embora singe-lamente, a sua memória. E repre-sentam, simultaneamente, justo preito de gratidão e de justiça.

# ULTIMA CARTA

(Continuação da 2.ª página)

Como elas são ainda, através a minha intensa amargura, a minha cruciante dôr, o bálsamo que alivia e consola, o único raio de Sol que brilha através a escura e procelosa noite que é agora a minha atribula-díssima existência!...

As tuas cartas!!!...

Como elas me falam ainda à alma e ao coração e como me pare-cem ditadas pelo Amor!...

Tu, que dizes que guardas delas a cópia, relê-as e dize-me se te admi-ras que eu me enganasse ao crê las verdadeiras!...

Como me parecia que era since-ridade o que emanava delas e como me parece impossível que assim se possa escrever o que se não sente!... E no entanto tu mentias ao escrevê-las... mas mentes tão bem, António que eu quizera sempre ouvir e morrer ouvindo da tua boca essas palavras, a-pesar-de falsas, com que me tornaste tão feliz, embora essa felicidade fôsse efémera, tão pouco duradoura como a chama que se al-teia vermelha e brilhante, que ful-gura altiva e dominadora, mas que num momento se esvai, morre e se apaga, deixando da sua fugitiva beleza os resíduos carbonizados da cinza!

Será um paradoxo, ou melhor, um absurdo, nós gostarmos do que nos faz sofrer, mas eu sinto uma imensa saudade desses momentos em que, embora mentindo, tu conse-guiste dar-me a completa Ilusão duma felicidade nunca concebida!

Recordas-te ainda do tempo em que me atiravas rosas pela janela do meu quarto?

Recordas-te?... E hoje atiras-me com os espinhos da tua indiferença que me ferem e dilaceram mais profundamente o co-ração que as mais agudas e acera-das lâminas!!!

Lembras-te, também, quando uma noite me perguntaste porque eu chorava? Não sabes ainda porque era?... Era por isto... era o pres-sentimento da derrocada de todos os meus sonhos... era essa a ra-zão das minhas lágrimas.

Ah! António, como é custoso con-vençer-me desta verdade horrível, como me sangra o coração e como eu vejo dum momento para o outro a minha vida despedaçada, destruí-da, aniquilada!...

Como todos se rirão de mim (e tu serás talvez o primeiro) da mi-nha ingénua credulidade!...

Nem eu sei como estoul! Faltam-me as expressões para poder tra-duzir o meu estado de alma e por muito que dissesse não conseguiria nunca demonstrar-to.

Mas que tenho eu com isso? — dir-me-ás... E realmente assim é, bem sei que não te importas e eu nada lucro em fazer-te um estendal das minhas desventuras!...

Perdôa portanto, mas que que-res?... A pena, sem eu querer e sem quasi disso me aperceber, vai confiando ao papel os meus pensa-mentos e tão incoerentes são eles, tão em trolpel se juntam no cérebro que quasi nem sei o que escrevo.

Como eu desejava poder morrer agora!...

Que bom seria!... Morrer!!! Su-prema ventura de quem já não po-de ter outra!... Aspiração da mi-nha alma que já não tem a quem amar!... Não rias!...

Compreenderás tu por acaso o horror desta situação?... Não, não é possível, pois se assim fôsse, a tua alma, que a-pesar-de tudo ainda creio bondosa, ter-se-ia compadeci-do da minha e não me terias tortu-rado de maneira tão cruel!

Certamente não sabes o que é so-frer, e oxalá nunca vejas desapare-cer deste mundo uma pessoa de fa-mília, um ente querido, arrebatado pelas garras da morte! Pois é úni-camente ao que esta dôr se pode comparar e tu não sabes avaliá-la, pois felizmente tens junto de ti teu pai, tua mãe e o teu querido irmão-sinho, que eu nunca terei a ventu-ra de conhecer. Esse pequenino amor que eu já me tinha acostuma-do a amar! Esse irmãosinho que-rido que eu já considerava como meu!

Eu, que nunca soube o que era essa felicidade e que estava tão sa-tisfeita porque um dia a alcançaria. Mas Deus tirou-ma em pequenina e não quer tornar a conceder-mal Até essa me é vedada, mas Deus que me nega todas as felicidades é porque eu sou indigna de as usufruir e vis-to isso não me queixarei!... Lamen-tarei somente o meu tão áspero des-tino.

Já deves estar aborrecido de ler a minha tão longa e fastidiosa carta, mas... perdôa António, será a últi-ma!... Será o Adeus de quem mais te quiz neste mundo, o grito de uma alma desesperada que se vê sózinha, que não tem mais ninguém que a compreenda, com quem desa-bafe e que até para sofrer tem que se ocultar de todos!!!

Que não basta perder o teu Amor, senão a tua Amizade, e des-tas duas não julgues que é esta úl-tima que menos me custa!...

Eu tinha-me habituado a ver em ti o Amiguinho querido com quem se desafoga, com quem se trocam impressões, com quem se conversa, enfim. E, perdendo-te, perco ambas as coisas!...

Como eu invejo agora todas as outras que são simplesmente as tuas amigas e como eu quisera voltar ao tempo em que o era também!

Mas... é tempo de terminar. As minhas cartas, se quiseres mandá-las podes fazê-lo... Eu não t'as peço porque não tenho coragem de me separar das tuas. Como vês não consegui durante o tempo que contigo privei, tornar-me orgulhosa como tu me querias. Quando devia levantar-me altiva para te lançar em rôsto a tua perfidia, baixo a ca-beça confessando a minha fraque-za... E talvez este meu feitio fôsse o que me perdeu!...

No entanto, quero pedir-te, ape-lando para o teu cavalheirismo e boa educação, invocando até (per-dôa-me) o nome de tua santa mãe, que nunca zombes nem te rias das outras e sobretudo desta minha mal alinhavada carta, ditada pela since-ridade e talvez, até, ingenuidade, e já que eu não te mereci a simpatia que ambicionava, ao menos que elas te mereçam e sejam acolhidas com um pouco de respeito e um embora muito vago sentimento de carinho.

Não quero, também, que sintas remorsos pelo que me fizeste! Que nunca sintas esse torturante inferno a espicaçar-te a consciência!

E não tenhas pena de mim. Oxalá que encontres quem me-lhor do que eu saibs amar-te, quem mais digna seja do teu affecto já que eu não pude ou não soube sê-lo, quem seja capaz de te rodear da afeição que mereces é o que a-pesar-de tudo (juro-te por Deus!) te desejo!

E adeus... Sê feliz... que eu também um dia o serei!

Adeus... António, Adeus mais uma vez! Adeus! Até um dia!...

Pela cópia

Sérgio Saúdades

DE PALANQUE

De quando em vez, deparamos com relatos, na imprensa diária, que nos impressionam bem e nos mostram que nem tudo é lama, nem tudo é egoísmo, neste Mundo de Cristo. Verdade, verdade, que a memória destes casos é, infelizmente, pouco animadora.

Mas ainda bem que não é absoluta e, quem sabe? como o terreno é bom, talvez a semente se multiplique e produza frutos semelhantes ao que há dias lemos com comovente agrado:—Entre os grandes lavradores do Alentejo, houve um que, sem alardes, soube compreender, soube sentir o que é um lar sem pão e despido de conforto e que só tem a ornamentá-lo andajoz e lágrimas quando ao chefe falta o trabalho. Esse lavrador, repetimos, sentiu o frio das crianças e o desespero dos pais e, para remediar o triste quadro, não se recolheu ao comodismo do seu «Monte» Enquanto as intempéries deslavavam os campos, ele consentia que a pobreza rural trabalhasse como pudesse, que se entretivesse de maneira a receber a fêria no fim da semana, sem a vergonha da esmola que tornava os homens tímidos a principio e descurados com o hábito. Assim os operários tinham pão à custa do seu trabalho e em casa havia alegria, embora o Inverno continuasse impiedoso.

Veio a Primavera, melhorou o tempo, e o trabalho continuou a sua faina harmoniosa entre patrão e servidores. Principios nova estação e os frutos sazonalaram-se e davam ao lavrador o contentamento de constatar que nada perdera com o trabalho fornecido na estação invernal. Por sua parte os trabalhadores, intimamente sentiam que esse trabalho tivera paga em demasia e queriam, sem ferir os sentimentos altruistas do seu patrão, mostrar o quanto apreciaram o seu gesto bemfazejo.

Um pensamento unisono os uniu e quasi espontaneamente, correram à uma aos seus campos e ceifaram num domingo, todo o pão do lavrador, conduzindo-o triunfalmente à eira e tributaram ao lavrador uma calorosa manifestação de simpatia. Não houve discursos, houve lágrimas de alegria e todos se sentiram bem recompensados com os actos consumados.

Que bela lição de moral e educação civil! Na sua singeleza mostra bem como é fácil atrair o nosso povo. Oxalá a lição sirva de incentivo aos que o podem fazer. Há tantos...

Graça alheia:— Um brasileiro tinha um gato de que gostava muito. Uma tarde estava o pancrácio a merendar carne peixe e pão. O gato atraído pelo cheiro do petisco, foi chegando e, com um rom-rom atrevido começou a miar. O dono deu-lhe pão, o gato cheirou e miou outra vez. O brasileiro deu-lhe peixe e o bichano, voltou a miar. Deu-lhe então carne e o maltez novamente miou!...

Num assomo de revolta, o pancrácio, meteu a mão no bolso e disse para o bicho: toma dez tostões e compra o que te apetecer...  
*Ulysses Junior*

João Bugalho Semedo

Ficou aprovado nos actos do 1.º ano da Faculdade de Direito aquê- le nosso prezado amigo e colaborador, filho do sr. João António Semedo, Administrador deste jornal. A João B. Semedo e a seus ex.ºs pais apresentamos cumprimentos de felicitações.



Armando Sérgio Carvalho da Encarnação  
Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do nosso concelho e nosso prezado Chefe da Redacção

No dia 29 de Junho próximo passado, em Lisboa, foi aprovado no concurso que foi fazer para a promoção à 2.ª classe da 2.ª categoria dos serviços externos do Quadro Geral Administrativo do Ministério do Interior, o nosso particular amigo e companheiro de trabalho e Chefe da Redacção do nosso jornal sr. Armando Sérgio Carvalho da Encarnação.

Um moço ainda, de espírito culto e inteligente, tem reservado um bom futuro na senda da vida. Sinceramente desejava os seus dotes intelectuais, pondo os ao serviço da causa que não deixe de aproveitar a sua situação ainda melhor que ha-de, certamente, impô-lo como bom e zeloso funcionário.

Os nossos parabens

«O ESTADO NOVO E A SUA OBRA»

E' bem conhecido o ressurgimento operado no nosso país desde a gloriosa revolta do 28 de Maio de 1926.

O caos em que viviamos, o pantano em que a vitalidade da nação se afundava com uma celeridade assombrosa, secou.

Uma minoria de homens de valor, patriotas, compreendendo bem o caminho tortuoso que trilhávamos, num arranço de audácia e heroísmo, houve por bem pôr cõbro a tal desregramento.

Evidente que não se podia ter feito imediatamente o ressurgimento completo de uma nação em marcha tresloucada para o abismo. Assim, um barco que garra, não volta sem trabalho para a boia.

E' preciso pará-lo e fazê-lo depois entrar no seu lugar.

Também o nosso país garra-va e tornava-se necessário parar a sua carreira e encaminhá-lo para uma época que seria o mais digno padrão de glória do esforço de nossos avós.

A balança das finanças, da posição tão desfavorável em que se encontrava, equilibrouse e hoje pende de uma forma nítida em nosso proveito; (números expressivos os do balanço do ano económico de 1938).

—O grande desenvolvimento dos mercados coloniais, as trocas com a Metrópole, o aformoseamento das cidades coloniais, a construção de estradas e até as carreiras regulares de

ligação com o continente, fazem com que o nosso império colonial figure em 3.º lugar entre os maiores do Mundo, não só pela extensão do seu território, mas pela importância comercial e turística.

Os numerosíssimos contratos colectivos de trabalho garantindo às classes trabalhadoras um salário mínimo com que se possam manter, e a criação das Casas do Povo onde ele vai encontrar o recreio do espírito e o conforto moral de que tão afastados andavam, a assistência médica, o ensino, etc., etc.

Os bairros económicos que substituíram os míseros casé- jadas pela fortuna; as belíssimas estradas que cortam Portugal em todas as direcções; o restauro, melhor, a criação, porque até aqui pode dizer-se nada tínhamos, da nossa marinha de guerra, e a reorganização e apetrechamento do exército.

Magníficos portos são os que actualmente possuímos, onde podem atracar as maiores unidades do Mundo. E até aqui? Nada.

Nem os pescadores tinham um abrigo seguro, coisa intolerável tendo o nosso país uma população ribeirinha tão numerosa e tirando desse mar que tão arrojadas emprezas nos proporcionou, o sustento de cada dia.

E fóra do campo económico,

Canção do desalento... **CARTEIRA**

Dentro em mim,  
Irmão,  
Tudo é treva.

Em vão eu procuro  
Uma réstea  
De Luz  
Que possa iluminar  
A Noite  
Da minha Vida,  
Atrada ao monturo  
Do cepticismo  
Numa hora cinzenta  
Do Destino incerto...

E não tem fim  
Minha imensa Dôr.

Semelhando uma chaga  
A destazer-se em pês,  
Assim minh'alma  
— Farrapo impuro  
Ao contacto do Mundo—  
Se vai gangrenando  
Num Fatalismo certo  
Irremediável  
A que não pode escapar...

A minha voz  
Ninguém a escuta  
Ninguém a atende.

Louco Sonhador  
Da Felicidade Humana!

Pesa-me a cruz  
Que sobre mim impende.

De toda esta luta  
— Intima —  
Apenas pude  
Salvar

O Coração  
— Santuário do meu Ideal —  
Que será teu  
Oh! Liberdade!  
Quando eu me fôr  
E só então  
Pra que meu filhinho  
— Anjo inculpada —

Não fique sem pão!!!...

Sérgio Saúdades

onde muito mais havia a dizer devemos olhar para o lado turístico. O nosso cantinho é um pedaço privilegiado da Natureza.

Lisboa e seus arredores, Sintra e Estoril, principalmente, e de uma maneira geral todo o país, podem e são hoje visitados todos os dias por cidadãos de todas as nacionalidades que levam para os seus países, gravada em mente, a beleza da nossa terra, a exuberância da vegetação, o acolhimento da capital, enfim o nome de Portugal.

A nossa representação, aliás valiosíssima, na Exposição de New York, é mais uma manifestação da grandeza e do conceito em que estamos perante as grandes potências mundiais.

No ano de 1940, o centenário da restauração que será celebrado em todos os lugares de Portugal, com os empreendimentos que se realizarão, marcará uma época de brilhantismo que tem de ser considerada por todo o mundo.

A par destas medidas de interesse geral temos ainda a considerar a reorganização local.

Todas as terras do país, inclusivé as mais pequeninas, todas receberam um subsídio maior ou menor para benefício

De visita a seus tios, o sr. Jaime Sucena e sua ex.ma esposa, encontra-se entre nós a menina Maria Helena Camossa Sucena, distinta aluna da Escola Secundária de Agueda, onde transitou com elevada classificação para o 6.º ano.

Os nossos cumprimentos de boas-vindas.

Manuel Diniz Herdade

A passar as férias encontra-se entre nós aquê- le nosso ilustre colaborador e amigo, que ficou aprovado nos exames do 3.º ano da Faculdade de Letras. Sinceras felicitações.

FUTEBOL

Académico Sporting de Figueiró dos Vinhos 10  
Grupo Desportivo dos Cabaços 3

Realizou-se no pretérito domingo em Cabaços um desafio de futebol entre o Académico Sporting desta vila e o grupo desportivo daquela localidade.

O jogo decorreu num ambiente de grande correcção, tendo a assistência, que era numerosa, ovacionado as melhores jogadas dos figueiroenses.

O resultado final—10 a 3—traduz a superioridade dos nossos rapazes, cujo grupo se apresentou desfalcado de alguns dos seus bons elementos.

No final do desafio foi oferecido um copo de água aos jogadores visitantes, tendo-se trocado amistosos brindes.

Falecimento

Após doloroso sofrimento finou-se nesta vila, com a idade de 71 anos, na casa da sua residência, a ex.ª sr.ª D. Mariana dos Santos Paiva, casada com o sr. Manuel Dias Coelho, abastado proprietário deste concelho.

A extinta, que era possuidora de muitas virtudes e qualidades, teve a companhia da sua ultima morada um grande numero de pessoas de todas as camadas sociais.

As nossas condolências.

das suas populações. Aqui o nosso concelho é um dos que mais se pode orgulhar de ter merecido o carinho do Estado Novo. Desde o primeiro dia que acompanhámos a situação e por tão desinteressada simpatia só a nossa terra beneficiou.

O aformoseamento da vila e todas as inovações que fazem o bem estar dos seus habitantes, as estradas ligando os mais afastados lugares à sede, os marcos fontenários, enfim todas as comodidades de que gozamos, são produto de um trabalho aturado e consciente de quem superiormente nos governa e de seus dignos representantes nas autarquias locais.

Em face portanto de tão afincado e desinteressado trabalho pelo engrandecimento do nosso país, nós devemos prezar os Chefes e concorrer segundo as possibilidades para «Portugal ser se nós quisermos uma grande e próspera nação».

A. B.